

**A MUSICOTERAPIA NO ACOMPANHAMENTO DE CRIANÇAS COM
DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM EM LEITURA: UMA PRIMEIRA ANÁLISE
SOB O OLHAR DA COMPLEXIDADE.**

BRASIL, Elisama Barbosa¹; **TEIXEIRA**, Célia Maria Ferreira da Silva²;
NASCIMENTO, Sandra Rocha do³;

Palavras-Chave: Musicoterapia na Educação; Teoria da Complexidade; Dificuldade de Aprendizagem em Leitura;

Justificativa

O processo ensino-aprendizagem, e nele, a aprendizagem da capacidade de leitura pela perspectiva que concebemos, vai além da simples transmissão e da decodificação de signos. Concordamos com os diversos autores (MORIN, 2010; TOCHETTO E OLIVEIRA, 1998; MARTINS, 1994) que avançam nesse ponto de vista.

Morin (2010) compreende o objetivo da educação na perspectiva da aprendizagem para a vida. Denomina-o como “ensinar a viver” e evidencia o conhecimento como fator gerador de transformações no indivíduo, levando-o à descoberta de sua subjetividade. Neste sentido, é importante integrar o conhecedor ao seu objeto de conhecimento (CRAVEIRO DE SÁ; TEIXEIRA, 2005).

Tochetto e Oliveira (1998, p. 101) entendem que o processo inicial da leitura envolve “a discriminação visual dos símbolos impressos, a associação da palavra impressa com o som [...], a compreensão e a análise do material lido”. E, Martins (1994, p. 9) afirma que o ato de ler vai “além do gesto mecânico de decifrar os sinais”; liga-se à formação do indivíduo, à sua capacitação para conviver, atuar e relacionar-se social, política, econômica e culturalmente. Refere-se a um processo de compreensão por parte do sujeito, tanto de algo escrito, como de outros tipos de expressões e ações humanas.

Compreendendo o ato da leitura para além de decifrar o código escrito, com base em Santos (1997) e Nascimento (2010) que propõem a Musicoterapia na

¹ Musicoterapeuta, mestranda do curso de Pós-graduação em Música – Linha de pesquisa em Musicoterapia. Escola de Música e Artes Cênicas/UFG. elisbrasil26@yahoo.com.br

² Doutora em Psicologia. Professora pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Música da EMAC/UFG. celiaferreira@cultura.com.br

³ Musicoterapeuta, Professora Dr^a da Escola de Música e Artes Cênicas/UFG, do curso de Musicoterapia. srochakanda@hotmail.com

intervenção junto aos casos de dificuldades de aprendizagem, propusemos a seguinte indagação na pesquisa de Mestrado: *Como a Musicoterapia pode auxiliar, dar suporte e possibilitar o desenvolvimento de potencialidades de alunos com dificuldade de aprendizagem em leitura?*

Objetivos

Neste trabalho, o objetivo centra-se em apresentar os dados, numa análise preliminar, relacionados às expressões sonoro-musicais trazidas pelos sujeitos da pesquisa durante os encontros musicoterápicos e subsidiá-los pela Teoria da Complexidade posta por Edgar Morin.

Metodologia

A pesquisa de campo, qualitativa, efetivando um estudo de caso, objetivou investigar a(s) contribuição(ões) da Musicoterapia no acompanhamento de crianças com dificuldade de aprendizagem em leitura. É parte da pesquisa no Mestrado em Música – EMAC/UFG, com o título “Musicoterapia no acompanhamento de crianças com dificuldade de aprendizagem em leitura”. Adotamos o método qualitativo por este permitir um contato mais próximo ao sujeito da pesquisa e sua problemática (CRESWELL, 2007). O estudo de caso, por sua vez, proporciona uma abordagem mais aprofundada sobre um fato ou fenômeno, partindo das estratégias de exploração, descrição e interpretação (OLIVEIRA, 2007). Escolhemos fundamentá-la na Teoria da Complexidade, que valida “o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico” (MORIN, 2007, p.13).

A pesquisa de campo encontra-se em andamento no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG). Foram previstos doze encontros no período de abril a junho/2011, com um grupo de seis alunos normativos do terceiro ano da 1ª fase, encaminhados à Musicoterapia pela coordenação, pela equipe de professores e psicólogo. Os atendimentos musicoterápicos acontecem uma vez por semana, após o horário de aula, com uma hora de duração.

Os alunos selecionados para a pesquisa tem idade entre 8 e 9 anos, são do sexo masculino, frequentam o 3º ano da 1ª fase da instituição, apresentam dificuldade de aprendizagem em leitura como principal queixa, não possuem

hipótese diagnóstica de deficiência associada (mental, física, sensorial), e foram autorizados pelos pais. As experiências musicoterápicas utilizadas são as de improvisação e de re-criação musical (BRUSCIA, 2000), acrescidas de multimeios, tais como: desenhos, jogos e brincadeiras, próprios do universo infantil, sempre mediados e/ou motivados pelas experiências musicais, todos utilizados com objetivos terapêuticos.

Resultados e Discussão

Até o presente momento, alguns aspectos emergiram junto aos participantes do grupo:

- *Quanto à expressão sonoro-musical*: caracteristicamente fragmentada no início (cada aluno no seu tempo e na sua ação, gerando caos e uma “não integração”); foco na expressão rítmica e na exploração dos instrumentos de maneira impulsiva e até agressiva (na tentativa de romper, quebrar ou testar os limites dos instrumentos musicais); dificuldade em apresentar ou dar continuidade à proposição de melodias ou canções improvisadas ou re-criadas; dificuldade com a criação espontânea e criativa; foco em atividades lúdicas como jogos e brincadeiras. Essas experiências expressivas, utilizadas com objetivos terapêuticos, se configuravam como um *continuum* na auto-expressão dos indivíduos.

- *Quanto ao relacionamento inter e intrapessoal*: movimento de evasão intensa sob diversas formas (da sala, da prática de atividades, do musical, do vínculo com a musicoterapeuta e com os colegas); atitudes de provocação e de enfrentamento; tendência ao movimento em massa (como ‘efeito manada’) ao saírem sala, que levava à desorganização; expressão de espontaneidade inadequada.

É importante ressaltar ainda que, nesta instituição, no 3º ano os alunos passam a ser orientados por diferentes professores, um para cada disciplina (ao todo, sete); diferente dos dois anos anteriores, quando havia três professores e um número menor de alunos em sala.

A fim de explicar as expressões dos sujeitos sob o olhar da Complexidade, esclarecemos alguns pontos a seguir. Segundo Morin (2002), a fragmentação do conhecimento ou a chamada “hiperespecialização”, impossibilita apreender um objeto dentro de seu contexto e de seu conjunto. Sendo assim, o recorte das disciplinas com intuito primeiro de facilitar o aprendizado, acaba por enfraquecer nos sujeitos, “a percepção do global, [...], da responsabilidade (cada qual tende a ser

responsável apenas por sua tarefa especializada) [...], da solidariedade (cada qual não mais sente vínculos com seus concidadãos)” (MORIN, 2002, p. 40-41).

Nesta perspectiva, constatamos na presente pesquisa uma semelhança entre as atitudes fragmentadas percebidas em diversos atores no contexto escolar e as expressões reproduzidas pelos alunos, principalmente no modo como estabelecem ou não vínculos em suas relações. Entendemos, por exemplo, que o comportamento de elevada evasão estaria relacionado a não adesão à diferença, ao novo. Os encontros da Musicoterapia não eram comuns à rotina do contexto escolar, portanto o estabelecimento de vínculo tornou-se demorado e, no início, permeado pelo caos, pela desestrutura.

A tendência ao movimento de massa evidenciou uma homogeneidade características do ensino/escola tradicional (ainda na atualidade), aprendidas em ações como: todos devem fazer filas, todos devem falar somente após sinalizar com a mão, todos saem correndo juntos ao tocar o sinal etc. Acostumados a serem, geralmente, direcionados, os educandos - ao se depararem com atividades que requerem uma expressão espontânea e criativa, que sugerem uma não-diretividade, foco de exploração na Musicoterapia - são levados à desorganização e a não criação ou ao não uso da criatividade, tendendo à homogeneidade de condutas (NASCIMENTO, 2010).

Considerações Finais

Compreendemos que a teoria da complexidade pode aprofundar no entendimento da necessidade da inclusão do sujeito e de sua subjetividade (PIAZZETTA; CRAVEIRO DE SÁ, 2006), principalmente no processo de aprendizagem. Considerando a aprendizagem da leitura como uma habilidade essencial ao processo de ensino-aprendizagem, entendemos que as dificuldades de leitura impossibilitam o avanço em outras disciplinas, motivo pelo qual abordamos a abrangência do ato de ler na capacidade de aprender tanto informações quanto conhecimentos, e gerar o autoconhecimento, fundamental ao desenvolvimento da subjetividade.

Na Musicoterapia, esta subjetividade é percebida, acolhida e valorizada na sua singularidade, através da utilização da música enquanto recurso com o potencial de alcançar o ser humano biopsicossocialmente. Através das experiências musicais em Musicoterapia pode-se proporcionar aos educandos o reconhecimento de sua

subjetividade, uma vez que terá a liberdade de explorar diferentes formas de expressão (musical, sonora, corporal, verbal), colocar em ação seu potencial criativo, desenvolver habilidades, realizar trocas.

Partindo da compreensão de que o processo de aprendizagem encontra-se relacionado ao desenvolvimento biopsicosócio-cultural e emocional do indivíduo, construído de maneira progressiva e permanente, acredita-se que, no contexto escolar, a Musicoterapia seja concebida como um processo de ampliação da capacidade auto-perceptiva do sujeito, da percepção sobre o meio e de seus pares.

Referências

- CRAVEIRO, Leomara; TEIXEIRA, Célia Maria Ferreira da Silva. De Sons e Sentidos: a Psicologia da Música sob o Olhar da Complexidade. In: II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, 2005, Vila Velha- Vitória ES. *Anais do II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade*. Vila Velha-Vitória ES: CIRET- CETRANS-UFES-UNESCO, 2005.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**, 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a forma, reformar o pensamento**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. **Introdução ao pensamento complexo**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.
- NASCIMENTO, Sandra Rocha do. **A 'escuta diferenciada' das dificuldades de aprendizagem [manuscrito]: um pensarsentiragir integral mediado pela musicoterapia**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, Goiânia, Goiás. 2010
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- PIAZZETTA, Clara Márcia de Freitas; CRAVEIRO DE SÁ, leomara. Contribuições da Teoria da Complexidade à Construção do Campo Teórico da Musicoterapia. In: *SIMPÓSIO BRASILEIRO DE MUSICOTERAPIA*, 12, 2006, Goiânia. **Anais Online**. Goiânia, 2006. Disponível em: <
http://www.sgmt.com.br/anais/p05temalivrecomoral/TLCO02-Piazzetta&Craveiro_Anais_XIISBMT.pdf>. Acesso: 10/02/2011.
- SANTOS, Jussara Ferreira. **A contribuição da Musicoterapia no trabalho com crianças com problemas de aprendizagem**. 1997. Monografia apresentada ao curso de Musicoterapia. Universidade Católica de Salvador. Salvador, 1997.
- TOCHETTO, Adriana Bussolaro; OLIVEIRA, Sônia Salette de. Problemas de aprendizagem: dificuldades na leitura e na escrita. **Iniciação**. Caçador/Canoinhas/Concórdia/Curitibanos/Mafra, v. 7, n. 2, p. 100-104, dez., 1998.